



Entrevista

É preciso mudar o método das escolas de jornalismo

Entrevista com José Manuel Pérez Tornero

José Geraldo de Oliveira

*Mestre em Comunicação Contemporânea pela Faculdade Cásper Líbero, doutorando da UAB (Universitat Autònoma de Barcelona), professor do Centro Universitário Fiam-Faam.
E-mail: zegerapp107@hotmail.com*

Dedicado à investigação sobre comunicação, educação e televisão (programas informativos, culturais e educativos), alfabetização midiática e discurso jornalístico, o professor José Manuel Pérez Tornero é catedrático da Universidad Autònoma de Barcelona (UAB) e consultor da UNESCO e da União Europeia em temas de serviço público de televisão e de alfabetização digital. Diretor do grupo de pesquisa Gabinete de Comunicación y Educación (UAB) e do EduMediaLab, laboratório dedicado a pesquisas sobre inovação em comunicação e educação, dirige o programa de doutorado do Departamento de Jornalismo e Ciências da Comunicação da UAB. Exerceu durante anos a atividade de jornalista, se dedicando a programas culturais da Televisão Espanhola (TVE). Homem simpático e de sorriso farto, durante a conversa abordou alguns dos temas a que se dedica: educação, sociedade da informação, educomunicação e ensino de jornalismo. Sobre ensino de jornalismo é enfático: “As escolas precisam entender que o jornalismo há tempos se adaptou às formas comunicativas digitais”. Mas é preciso “respeitar a tradição das escolas, o sentido da escrita, lembrando que as tecnologias da comunicação são complementares e ajudam a enriquecer a vida escolar”, com os estudantes exercitando a linguagem audiovisual, que – como qualquer outra linguagem – necessita do aprendizado de uma gramática. A seguir, melhores momento da entrevista concedida por ele a José Geraldo de Oliveira, mestre pela Cásper Líbero, doutorando da UAB e professor da FIAM-FAAM.

Communicare – Uma das dificuldades dos professores de jornalismo é ensinar os alunos como fazer o webjornalismo, algo novo, assim como suas definições e limites. Como definir essa disciplina?

José Manuel Pérez Tornero – Essa é uma pergunta que já estava me provocando. Já te perguntaram como fazer jornalismo neste contexto?

Communicare – Sim, mas estou perguntando ao senhor.

JMPT – Acho que tudo deve mudar radicalmente. Porque hoje temos vários fenômenos: “os cidadãos estão fazendo jornalismo”, “as instituições estão fazendo jornalismo”. Isto é uma evidência. As instituições já têm o seu blog, todas as empresas têm o seu espaço web da mesma forma que as pessoas escrevem como se fossem “jornalistas”, sem o ser e sem contar com o aprendizado e as ferramentas conceituais para essa produção.

Communicare – As faculdades que pesquisam o jornalismo devem transmitir e compartilhar o saber nesses novos campos?

JMPT – Se há um jornalismo ativista-cidadão, por que não ensinar como fazer o jornalismo clássico? Ainda é importante filtrar, confrontar as informações,

organizá-las e escrever de modo correto. Escrever inclusive no sentido visual. Há uma expansão da comunicação que temos de abordar a partir da faculdade. Há um outro ponto: os meios de comunicação tradicionais estão mudando e não são mais o que já foram no passado. Os meios de comunicação foram digitalizados, reticulados e globalizados. É um marco importantíssimo. Os meios estão mais ligados a comunidades, mais do que difusores massivos de informação. Temos de incorporar esses fenômenos nos currículos acadêmicos. São duas grandes tarefas: a nova formação do jornalista tem de responder a novos desafios da difusão democrática massiva do jornalismo por todos os lugares e, ao mesmo tempo, entender a transformação que tem de ser feita. Isso rompe barreiras, que eram corporativas, profissionais ou midiáticas. Temos de pensar que o jornalismo está em toda parte e isso produz uma dispersão massiva do jornalismo. É preciso pensar sobre isso. É preciso mudar o método das escolas de jornalismo. Houve mudanças tradicionais, estou falando da Espanha, mas creio que também isso se passou no Brasil, criaram uma espécie de manual de como fazer jornalismo em classes teóricas e logo conduzimos a prática do jornalista mediante tutorias, práticas nas empresas, seguindo esse código. Mas não há um código único ou esses códigos são multiplicados por muitos. São plurais. O jornalista não tem a obrigação de fazer o que fazia antes. Um caso concreto: as pessoas recebem a informação pelos alarmes em suas redes sociais; então a missão do jornalista hoje é a de interpretar mais do que narrar uma notícia ou uma informação. Há muitos exemplos.

Communicare – E como seria a mudança dessa prática?

JMPT – Proponho um método híbrido entre a práxis e a teoria que auxilia essa práxis. O desejável é que um jovem com vocação de jornalista já esteja escrevendo desde o primeiro dia em que entra na faculdade, experimentando a realidade e os fatos e se colocando a narrá-los. Que não tivesse de esperar o segundo ou o terceiro ano de aprendizagem para esse exercício. Com essa prática intuitiva em um primeiro momento e à medida em que fosse passando o tempo ela se tornasse mais sistemática, associada à reflexão teórica. E que o estudo das teorias da comunicação acompanhasse essa prática. Por que explicar a teoria da Agenda Setting antes de ler qual o papel do jornalista na sociedade? Experimentamos e depois discutimos. A mesma coisa acontece quando explicamos a Teoria do Newsmaking [teoria da produção da notícia], vamos ver o que acontece na realidade e depois discutimos isso teoricamente. Da mesma forma porque vamos recorrer às teorias da persuasão, de impacto e da influência social dos meios se grande parte dessas teorias estão orientadas por modelos que não mais existem, pois são modelos de difusão massiva? Temos de pensar agora quais são os novos modelos

de persuasão, em que incidem e como influem. O que significa a produção viral frente à comunicação totalitária de um tempo um Hitler ou Stalin? Creio que tudo isso tem de se incorporar de modo consciente e exploratório na faculdade de jornalismo. As escolas deveriam estar constantemente pensando a si mesmas, incorporando os resultados das pesquisas em sua própria prática.

Communicare – Até por que o webjornalismo é um elemento novo. Como definir essas experimentações e preparar os professores para seu ensino?

JMPT – Vou relatar uma experiência que foi útil no trabalho realizado aqui na Faculdade de Jornalismo da UAB. Uma primeira questão é que é preciso romper a dinâmica entre a teoria e prática. Toda prática tem uma compreensão teórica e a teoria tem de se fundar numa vivência empírica e prática. Uma segunda questão: é bastante útil que um professor tenha vivenciado a prática do jornalismo. Haver se incorporado à rotina jornalística proporciona a ele a oportunidade de fazer uma sociologia da imprensa ou uma sociologia da informação, porque conhece melhor o seu funcionamento por dentro. Assim como o psicanalista, antes de se tornar analista, tem de psicanalisar a si mesmo, o pesquisador da comunicação também tem de fazer isso, sujar as mãos na prática profissional para, a partir daí, conseguir elaborar uma teoria. Isto é importante. Se há ideias teóricas ricas e que germinam, tem de mostrá-las e aplicá-las na prática. Há que pensar na transversalidade do jornalismo. O jornalismo já não é mais um ensino fechado, é um diálogo com outras especializações. O pesquisador tradicional escrevia para um grupo pequeno; hoje ele tem de fazer conexões, divulgar seus trabalhos. O jornalista fica desarticulado se não souber algo em profundidade ou não dialogar com, ao menos, um setor. O jornalista tem de trocar ideias com os cientistas, políticos, juristas para gerar uma dinâmica de produção de informação cidadã. Isto é, ele precisa estar aprendendo a todo tempo. Neste campus da UAB, por exemplo, essa troca é fácil, pois há todo tipo de faculdades e departamentos, como medicina por exemplo. Temos um projeto para desenvolver “meios” da universidade, que não que parecem com os que estão aí, mas “meios” que aproveitem o capital de produção de conhecimento que se realiza aqui na universidade e que aporte um ponto de vista distinto do que é realizado pela informação generalista. Aqui se pode falar do genoma humano com mais facilidade que um jornal que se propõe a realizar um programa sobre genoma humano, pois aqui estamos investigando e trabalhando com este tema, com a tecnologia, meio ambiente, processamento digital das imagens. Isto é algo que as universidades precisam pensar: que no futuro não deveriam ser apenas produtoras de conhecimentos para a formação de alunos, mas produtoras de transferências e divulgações, ou seja, ser um ator ativo na esfera pública da sociedade de conhecimento.

Communicare – Há a percepção de que as escolas ensinam o Webjornalismo, por exemplo, num suporte antigo, apenas transpondo para a web antigas fórmulas.

JMPT – Isto acontece não apenas no Brasil, mas em várias partes do mundo. Isto significa que é uma educação orientada para o passado e rotineira. Com isto não ganhamos o futuro.

Communicare – Quais seriam, então, as competências que a sociedade de conhecimento exige dos novos comunicadores?

JMPT – Podemos dividir as competências exigidas em três âmbitos. Um é o que poderíamos chamar de “operatividade técnica”, que é saber utilizar as novas ferramentas e aparatos, habilidades portáteis do tipo perceptíveis e visuais, cinéticos. É preciso adquiri-las para poder instrumentalizá-las, que não é o mesmo que manusear uma caneta, um computador ou uma câmera fotográfica. Essas são as habilidades mais fáceis de obter. Isso acontece quase espontaneamente. Um segundo âmbito é o do tipo “linguístico cognitivo”. Uma linguagem é um depósito de conhecimento que se transmite de um para outro e, para usá-la, necessitamos de uma carga simbólica e uma preparação. Isso está mudando, as linguagens são multimídias, audiovisuais. Não são mais textuais, mas também simbólicas. Algumas são icônicas, outras baseadas em alfabetos, outros não. Tudo isto faz com que renovemos a competência linguística. E depois estão as competências culturais, o terceiro âmbito. E tem a ver com o domínio de contextos e do que seria, entre aspas, a globalização. Isso é muito mais complexo e absorve todos os demais âmbitos. Então, estas são as três áreas em que temos de nos mover com novas exigências e novas respostas.

Communicare – Quais seriam os desafios do webjornalismo?

JMPT – Creio que confundimos muito quais são os desafios nas faculdades de comunicação. Acho que respondemos a estes desafios de forma muito impulsiva, pensando que a mudança seria apenas tecnológica. Isso temos feito, adotando novas ferramentas, sistemas de trabalho, ensinando essas técnicas e disciplinas, mas temos de pensar que a mudança é muito mais do que tecnológica. Poderíamos dizer que o que muda são as linguagens, então vamos ensinar a linguagem hipertextual. O que acontece é que a linguagem é uma forma de processar o conhecimento e não aprofundamos o suficiente em como na sociedade atual se gera conhecimento de muitas maneiras e como o jornalismo, de alguma maneira, é um resultado ou uma síntese. Em um outro momento pensávamos que era preciso mudar a rotina profissional, e aqui houve muitas quimeras que não corresponderam à realidade. Passamos a pensar que a missão do jornalista mudou, que o jornalismo cidadão é mais democrático, que já não existe o jornalismo

tradicional. Deveríamos nos perguntar se a missão do jornalista mudou ou se a missão do jornalismo não está mais sendo levada em conta – como poucas vezes esteve. Se a missão do jornalismo é focar a lucidez da sociedade e o conhecimento justo do que está ocorrendo, então ela é mais necessária hoje do que antes, pois há muitos procedimentos de simulações, de enganos e de falsificação de conhecimento da realidade. Há um grave problema: há uma exposição informativa enorme, ou seja, todo mundo participa e fala e está surgindo um processo sério: diante desses processos não tomamos uma posição, não formamos uma opinião e isso está se tornando um processo. Diante de tanta informação, não assumimos uma posição, como se saber e estar ciente dessa diversidade fosse o suficiente. Não é. A função do jornalista continua a ser a de ajudar a formar a opinião pública e pessoal. Esta missão é mais exigente do que nunca. E é função das escolas de jornalismo formar profissionais que sejam elementos para revitalizar a missão do jornalismo, com mais ênfase ainda diante dos novos meios e das novas linguagens. Se os jornalistas continuarem a pensar que os cidadãos são apenas receptores passivos, estamos completamente enganados. Devemos mudar de paradigma e situar os estudos e as pesquisas neste novo rumo.

Communicare – Como as escolas integram as novas tecnologias?

JMPT – Essas tecnologias abrem uma nova janela para o mundo, de modo que as paredes já não mais existem e se pode explorar a realidade com mais capacidade de aprendizagem e melhoria das competências. A internet e o audiovisual abrem possibilidades para mudar o ensino e a dinâmica das aulas. Os estudantes têm de adquirir a linguagem da gramática audiovisual, pois esta linguagem será a chave para o desenvolvimento da comunicação hoje. Os professores e estudantes têm a tarefa de se aprofundar na comunicação mediática.

Communicare – E o que isto implica em mudança de paradigma?

JMPT – Aqui temos uma experiência na mudança de curriculum da UAB nos últimos tempos, sobretudo na metodologia. Antes um professor tinha um curso ministrado somente por ele e os alunos contavam apenas com esse professor para o aprendizado. O que fizemos foi dissolver esta ideia ao criarmos uma equipe docente e pedirmos a esses professores um trabalho de equipe na programação acadêmica com diversas participações. Uma classe magistral é teórica e tradicional e é ministrada para todos. Em um segundo momento, há a realização de seminários sobre a discussão das teorias com os professores tutores; depois, os seminários práticos. E, finalmente, há um tema que prezamos muito: os debates sociais autênticos. Por exemplo, convidamos diretores de jornais ou discutimos os problemas dos refugiados e realizamos isto em forma de simpósios. Combinando todas estas técnicas e mais o estudo independente, a sequência didática se torna mais eficaz.

Communicare – Por que?

JMPT – Para criar um espaço de debate se realizam encontros com outros grupos pequenos que se dividem com professores e os alunos já sabem o que irão debater. Isso permite ao estudante fazer propostas e debater. As oficinas são de produções, ou seja, o aluno pode fazer produções de trabalho em grupo ou escrever individualmente um artigo. E o que dá um resultado importante é que trabalhamos com temas reais. Por exemplo, convidamos um ministro de Estado e realizamos uma entrevista coletiva, debatendo a política de comunicação das instituições públicas. Debatermos com os responsáveis por algumas políticas públicas. Então, a combinação de todas essas iniciativas é mais um “meio” que criamos como repositório das produções dos estudantes, adotando uma dinâmica diferente da tradicional. É preciso organizá-las, os professores criam uma sequência didática, os discentes escolhem as aulas, os espaços... Isso propicia uma certa complexidade, mas o resultado é muito melhor. Temos de amparar os estudantes com material didático na internet, acesso a fontes, tutorias presenciais. Estamos combinando o virtual e o presencial, mas estamos obtendo resultados muito mais positivos.

Communicare – Ramón Salaverría em Mídia e jornalistas, um futuro em comum, afirma que os jornalistas, diferentemente dos médicos, são mais resistentes às novas tecnologias.

JMPT – Acredito que Salaverría falou de alguns jornalistas. Acho que hoje é impossível ser reacionário. O que está acontecendo com os jornalistas que pensam que o único jornalismo é o de papel é a perda de emprego. Antes o jornalista de televisão usava diante da câmera o microfone e não fazia mais nada. Hoje o repórter autêntico, tem de ser “uma equipe”, pois tem de registrar, editar, sonorizar, além de estar diante da câmera para produzir a informação. Hoje é preciso contar com uma equipe mais integrada, de duas ou três pessoas, que tem inclusive de saber como difundir a informação, por exemplo enviar por satélite, subir para a web. Isto é uma realidade hoje e irá além disso no futuro. A mudança será produzir e agilizar, ser proativo. Se a faculdade de jornalismo funcionar bem, esse diálogo com a tecnologia é necessário e é preciso potencializá-lo e promovê-lo. É a grande meta das faculdades de jornalismo, além, é claro, da formação contínua sobre o jornalismo.

Communicare – E este jornalista tem de saber o valor da imagem que publica...

JMPT – Claro. O jornalismo só escrito já não existe. Ele precisa entender a fotografia, o enquadramento, a sequência, a montagem. O audiovisual faz parte da gramática jornalística hoje. Os gêneros são variados, assim como a codificação, também o tratamento da big data e o uso de buscadores de informação sistemáticos. Tudo isto tem de estar no pensamento do jornalista. Tem de aprender a propor interfaces, analisar como a audiência se comunica com ele ao usar as redes sociais. Criar comunidades. Tudo isso são ferramentas práticas para o jornalista atual.

Communicare – No Brasil há a polêmica sobre a não-obrigatoriedade do diploma de jornalismo, que reforça a ideia de que todos podem ser jornalistas.

JMPT – A princípio parece uma ideia muito democrática, mas, na verdade, não é democrática porque a liberdade de expressão é uma ideia e direito à informação é outra. O jornalista não está só para a liberdade de expressão. Porque a liberdade de expressão, um cidadão a exerce escrevendo um artigo em um jornal ou se manifestando na internet. Já o direito à informação é um direito da audiência e demanda um trabalho específico e que tem de ser um direito à informação verdadeira, não confusa e sem falsificações. Isto só poderá ser garantido por um saber culto, consciente e profissional. Podemos dizer o mesmo da medicina. Porque o direito à saúde é de todos e não passa pelos médicos, mas seria uma loucura dizer isto. E indo mais à raiz do problema, penso que quem promove isso são os grandes oligopólios midiáticos dizendo que qualquer um pode emitir e dispor de uma audiência televisiva e que o direito de informação não passa pelas licenças. Precisamos buscar uma sociedade mais científica no sentido profissional e especializado. Podemos falar isso dos médicos ou dos pilotos de avião. Eu embarco em um avião e como pilotar é um direito, qualquer um pode pilotar [risos].

Communicare – Eu não confio.

JMPT – Muito menos eu.